

**PERGUNTAS COM SINTAGMAS –WH ADVERBIAIS ALTOS, CARTOGRAFIA E O
CASO DAS INTERROGATIVAS COM *COMO ASSIM* EM PB
QUESTIONS WITH HIGH ADVERBIAL WH-PHRASES, CARTOGRAPHY AND THE
CASE OF INTERROGATIVES WITH ‘*COMO ASSIM*’ IN BP¹**

*Simone Guessser*²

*Raquel Sousa*³

*Flore Kédochim*⁴

RESUMO

O presente trabalho aborda perguntas com sintagmas adverbiais altos, as principais análises cartográficas para elas propostas e, na sequência, se volta para as propriedades sintáticas e interpretativas de *como assim* de incredulidade no Português Brasileiro (PB). Sentenças com *como assim* podem apresentar quatro leituras: causal, de propósito, elucidativa e de incredulidade. Assumimos que sentenças com *como assim* de incredulidade envolvem um operador I-REQUEST (nos termos de KRIFKA, 2012), já que não atuam como uma solicitação de informações por parte do falante, e sim solicitam uma confirmação do interlocutor sobre seu proferimento. Nesses contextos, *como assim* veicula, como parte de sua pragmática, uma expressão de incredulidade do falante acerca da possibilidade de o interlocutor realizar tal confirmação. *Como assim* de incredulidade é um *Speech Act* e, por isso, não pode ocorrer em contextos encaixados. Além disso, por nascer em uma posição alta, em Spec de IntP, é insensível à negação e não pode aparecer *in situ*.

1 Agradecemos aos pareceristas deste trabalho pelas valiosas sugestões. Todos os erros aqui remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

2 Professora da graduação e do mestrado em Letras da UFRR e tutora do PET-Letras/UFRR. E-mail: simoneguessser@yahoo.com.br.

3 Mestranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/CNPq). E-mail: rachel.ssousa@gmail.com.

4 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UFRR. E-mail: flore.kedochim@gmail.com.

Palavras-chave: Cartografia; Interrogativas-Wh; *Como Assim*; Incredulidade; *Speech Act*.

ABSTRACT

This work deals with questions containing high adverbial wh-phrases, discussing the main cartographic analysis proposed for these sentences and the syntactic and interpretive properties of interrogatives with incredulity *como assim* in Brazilian Portuguese (BP). Sentences with *como assim* can present four readings: a causal reading, a purpose reading, an elucidative reading and an incredulity reading. We assume that sentences with the incredulity reading involve an I-REQUEST operator (in terms of KRIFKA, 2012), since they do not act as a request of information from the speaker, but rather as a request of confirmation, from the hearer, of the content of his/her previous utterance. In these contexts, *como assim* conveys, as part of its pragmatics, an expression of the speaker's incredulity about the possibility of confirmation, from his interlocutor, of the assertion previously uttered. Incredulity *como assim* is a Speech Act, therefore cannot occur in embedded contexts. Furthermore, since *como assim* is externally merged in a high position, in Spec of IntP, it is insensitive to negation and cannot occur *in situ*.

Keywords: Cartography; Wh-Interrogatives; *Como Assim*; Incredulity; Speech Act.

1. Introdução

A sintaxe das sentenças interrogativas-wh, interlinguisticamente, exhibe um conjunto de possibilidades de realização, e os principais parâmetros de variação discutidos estão relacionados (i) ao movimento do constituinte interrogativo, (ii) à subida da flexão para o sintagma complementizador (I para C) e (iii) à possibilidade de formar perguntas com mais de um sintagma-wh na periferia esquerda⁵. Por outro lado, há diferenças entre interrogativas que não são derivadas de determinada escolha paramétrica, porque ocorrem dentro de uma mesma língua. No italiano, por exemplo, Rizzi (2001) mostra que interrogativas com sintagmas-wh argumentais e correspondentes a advérbios baixos devem obrigatoriamente manifestar movimento de I para C, ao passo que

⁵ Fenômeno que ocorre, por exemplo, em línguas como o búlgaro e o romeno, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(i) Koj kakvo e kupila

who what has bought

‘Who has bought what?’ (DAYAL, 2016, p. 3)

(ii) Cine de ce a plecat?

who why has left

‘Who left and why?’ (SHLONSKY; SOARE, 2011, p. 658)

elementos-wh correspondentes a advérbios altos como *perché* (*por que*) e seu (quase) sinônimo *come mai*⁶ (*how come*, no inglês) não exigem tal movimento. Isso se observa no contraste entre (1), de um lado, e (2) e (3), de outro.

- (1) a. *Che cosa Gianni ha fatto? (2) Perché Gianni è venuto?
a'. Che cosa ha fatto Gianni? 'Por que Gianne veio?'
'O que Gianni fez'
- (3) Come mai Gianni è partito?
b. *Dove Gianni è andato? Como assim Gianni partiu? (RIZZI, 2001, p. 7)
b'. Dove è andato Gianni?
'Aonde Gianni foi?'
- c. *Come Gianni è partito?
c'. Come è partito Gianni?
'Como Gianni partiu?' (RIZZI, 2001, p. 5)

Outra peculiaridade de sintagmas adverbiais altos como *perché* e *come mai* diz respeito à interação com sintagmas focalizados: um sintagma argumental como *che cosa* (*o que*) não pode co-ocorrer com um sintagma focalizado contrastivamente na periferia esquerda (cf. (4)), enquanto *perché* e *come mai* são compatíveis com um foco contrastivo na ordem *perché/come mai-Foco*⁷ (cf. (5))

- (4) a. *A GIANNI che cosa hai detto (, non a Piero)?
'PRO GIANNI o que você disse (, não pro Piero)'
b. *Che cosa A GIANNI hai detto (, non a Piero)? (RIZZI, 1997, p. 291)

6 Nas glosas dos exemplos com *come mai* e *how come*, estamos traduzindo estes elementos com *como assim* quando dotado da leitura causal, cuja semântica será explicitada na seção 3. Como veremos na seção 4, *como assim* apresenta outras leituras que parecem não ser expressas por *come mai* e *how come*.

7 Sentenças como (i), que apresentam a ordem Foco-*perché/come mai*, são agramaticais em italiano.

- (i) a. *QUESTO perché avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro?
ISSO por que deveríamos ter dito a ele, não alguma outra coisa?
b. *IL MIO LIBRO come mai gli hai dato, non il tuo?
O MEU LIVRO como assim você deu a ele, não o seu? (RIZZI, 2001, p. 7)

(5) a. Perché QUESTO avremmo dovuto dirgli, non qualcos'altro?

‘Por que ISSO deveríamos ter dito a ele, não alguma outra coisa?’

b. Come mai IL MIO LIBRO gli ha dato, non il tuo?

‘Como assim O MEU LIVRO você deu a ele, não o seu?’ (RIZZI, 2001, p. 7)

Diferenças sintáticas e semânticas entre interrogativas argumentais/com advérbios baixos e perguntas com sintagmas-wh adverbiais altos têm sido apontadas desde pelo menos os anos 1970, em estudos como os de Zwicky; Zwicky (1973); Collins (1991), Rizzi (2001), Tsai (1999; 2008) e Shlonsky e Soare (2011), por exemplo. No que se refere especificamente aos sintagmas-wh adjuntos, tais estudos apoiam as explicações para os contrastes sintáticos e semânticos entre advérbios baixos, como *come/how*⁸, e altos como *perché/why* e *come mai/how come*, em um aspecto central: sintagmas-wh adverbiais baixos modificam a camada lexical (vP), enquanto elementos-wh adverbiais altos tomam todo o evento (IP) como escopo.

O presente estudo aborda sentenças com *como assim*, um elemento interrogativo que, em alguns casos, corresponde a um advérbio alto em Português Brasileiro (doravante PB). Nos diálogos entre (6) e (9) temos alguns exemplos de frases com esse sintagma:

(6) A: A Maria comprou um carro novo.

B: Como assim ela comprou um carro novo?

A: Porque o carro antigo dela tinha muitos problemas mecânicos.

(7) A: Você ficou sabendo que o João comprou um novo celular?

B: Como assim o João comprou um novo celular?

A: Para se aparecer para os amigos.

(8) A: A Silvia enfiou o pé na jaca esse final de semana!

B: Como assim ela enfiou o pé na jaca esse final de semana?

A: Quis dizer que ela tomou atitudes impulsivamente nesse final de semana.

8 Referimo-nos ao sintagma *come/how* com leitura de advérbio de maneira, instrumento ou resultativa, e não com a interpretação de causa (cf. seção 3).

(9) A: A Soraia pediu demissão daquele emprego.

B: Como assim a Soraia pediu demissão daquele emprego? Ela parecia estar tão feliz lá!

C: Pois é, também fiquei surpreso com isso.

Apesar de *como assim* ser muito produtivo, a literatura sobre interrogativas em PB ainda não dispõe de um detalhamento das propriedades de sentenças com tal elemento interrogativo. Os estudos de que temos conhecimento até o presente momento são os de Guessser *et al* (no prelo) e Sousa (2018). Um fato que guia ambas as pesquisas é que interrogativas com *como assim* podem servir como contrapartes de interrogativas com *come mai* e *how come* por poderem veicular a semântica causal, tal como definida em Tsai (2008). Neste estudo, temos como objetivo apresentar algumas considerações sobre estruturas com *como assim*, hipotetizando que, além da semântica causal, como em (6), *como assim* pode veicular outros três tipos de leitura: de propósito, exemplificada em (7), elucidativa, como em (8) e de incredulidade, como em (9). Em conexão, proporemos uma análise cartográfica para *como assim* na leitura de incredulidade, procurando explicar as propriedades sintáticas centrais desse tipo de sentença, a saber: impossibilidade de ocorrer *in situ*, impossibilidade de ocorrer em contextos encaixados e insensibilidade à negação⁹.

Para alcançar tal objetivo, o texto que segue se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos as principais abordagens cartográficas propostas para perguntas com advérbios-wh altos. Na sequência (seção 3), abordamos as propriedades semânticas de interrogativas com *how come*, em inglês, e com *zèmne*, em chinês, línguas a partir das quais emergem propostas de análise semânticas para as diferentes leituras envolvidas em sentenças com sintagmas-wh adverbiais altos. A seção 4 versa sobre a semântica das diferentes ocorrências de *como assim*, e a seção 5 trata do *como assim* de incredulidade. Por fim, na seção 6 são apresentadas nossas considerações finais.

2. Abordagens cartográficas para interrogativas com advérbios altos

As diferenças interlinguísticas relacionadas ao movimento do operador interrogativo e ao alçamento de I para C, que têm sido estudadas por sintaticistas formais desde pelo menos a década de 1960, foram retomadas dentro da Abordagem Cartográfica. Rizzi (1997) lança mão do Critério-Wh

⁹ Essas três propriedades parecem se aplicar também às demais leituras de *como assim*, exceção feita para a possibilidade de encaixamento em interrogativas com leitura de causa e propósito; não encontramos consenso sobre essa característica entre falantes nativos do PB. Nesse sentido, seria interessante realizar um estudo experimental. Neste estudo, olharemos para as três restrições citadas acima apenas no âmbito das interrogativas de incredulidade.

(RIZZI, 1991/1996), o qual exige que um constituinte dotado do traço [+wh] manifeste configuração Spec/núcleo com um núcleo dotado do mesmo traço. Assumindo que em línguas como o italiano a flexão (I) seja o núcleo [+wh], é fornecida uma explicação para os movimentos realizados nos exemplos (1a'), (1b') e (1c'): o verbo finito, que contém I, e o sintagma-wh se movem para CP (mais especificamente, para Spec de FocP) para entrarem na requerida relação de Spec/núcleo. Por outro lado, em línguas que apresentam movimento do constituinte interrogativo sem ocasionar I para C, como o português, ou em línguas em que não ocorre nem movimento-wh visível nem I para C, como o chinês, I não é dotado do traço [+wh], e outras estratégias são acessadas para a satisfação do princípio do Critério-Wh (cf. RIZZI, 1996, 1997; sobre o PB, vide MIOTO, 2001; 2003)

Para dar conta do contraste relacionado ao movimento de I para C que se verifica, em uma mesma língua, entre interrogativas com sintagmas-wh argumentais/com adverbiais baixos e com wh-adverbiais altos, Rizzi (2001) assume para o sistema CP matriz a hierarquia de núcleos funcionais em (10); para o CP encaixado, a estrutura é a apresentada em (11)¹⁰.

(10) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [FinP

(11) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [WhP [TopP [FinP

O autor propõe que *perché* e *come mai* são gerados diretamente na posição de especificador da projeção de InterrogativeP (IntP), e que Int^o seja intrinsecamente dotado do traço [+wh]. Em outras palavras, em interrogativas com *perché/come mai* o Critério-Wh é satisfeito por meio da configuração Spec-núcleo entre *perché/come mai*, em Spec de IntP, e o núcleo Int^o. Dessa forma, o movimento de I a C não é requerido.

No sistema de Rizzi (2001), a posição Spec de IntP é dedicada a operadores interrogativos sentenciais que podem ser gerados nessa posição, como é o caso de sintagmas-wh correspondentes a advérbios altos. A geração direta em Spec de IntP não é estendível a advérbios baixos, como em (1b-c): nesse caso, *come/dove*, devido a razões seletivas e interpretativas, são obrigados a se originar em uma posição interna a IP. Consequentemente, *come/dove* apenas podem satisfazer o Critério-Wh via movimento para o Spec de FocP (posição que aloja sintagmas-wh movidos), o que

10 Essa proposta da hierarquia de sentenças matrizes e encaixadas foi posteriormente reformulada por Rizzi e Bocci (2016) como sendo as representadas em (ia) e (ib), respectivamente. As mudanças propostas com relação à hierarquia de (2001) não influenciam no estudo de *como assim*, razão pela qual trabalharemos com as propostas simplificadas em (10) e (11).

(i) a. [Force [Top* [Int [Top*[Foc[Top*[Mod [Top* [Fin [IP]]]]]]]]]]

b. [Force [Top* [Int [Top*[Foc [Top*[Mod [Top*[Qemb [Fin [IP]]]]]]]]]]

ocasiona o movimento de I para C.

Dentro dessa perspectiva, a possibilidade de co-ocorrência com um sintagma focalizado para *perché* e *come mai* versus a impossibilidade para sintagmas-wh argumentais e advérbio baixos, ilustrada em (4) e (5), é uma decorrência das diferentes posições criteriais com as quais os diferentes sintagmas-wh se envolvem: estes se movem para Spec de FocP (competindo, portanto, com um sintagma-wh), enquanto aqueles se originam em Spec de IntP, uma posição acima do núcleo de Foco, o que possibilita a co-ocorrência com um foco na ordem Wh-Foco.

Ao assumir que elementos-wh adverbiais altos sejam inseridos diretamente na periferia esquerda, Rizzi (2001) partilha de uma visão na qual estão estudos como os de Hornstein (1995), Ko (2005), Stepanov e Tsai (2008), Tsai (2008) e Thornton (2008), segundo os quais elementos-wh adverbiais altos não são associados a uma variável sintática. Porém, como observa o próprio Rizzi (2001), interrogativas podem ser ambíguas no que diz respeito ao escopo do elemento-wh, como mostram os exemplos do italiano e do inglês (12) e (13) adaptados de Shlonsky e Soare (2011):

(12) *Perché* hai detto che è partito?

‘Por que disse que ele foi embora?’

(13) Why did you say that Daniel left?

‘Por que você disse que o Daniel foi embora?’

Os elementos *perché* e *why* podem ser interpretados na frase matriz (leitura matriz), colocando como pergunta a razão de o interlocutor (*pro* (2ª pes.), em (12); *you* ‘você’, em (13)) ter dito alguma coisa. Além disso, tais sintagmas-wh podem ser interpretados na frase encaixada (leitura encaixada), questionando a razão pela qual o sujeito da frase encaixada (*Daniel* em (13) e a referência de *pro* em (12)) partiu. De acordo com Rizzi (2001), na interpretação encaixada, *perché/why* envolvem movimento para garantir seu escopo baixo. Eles são gerados em Spec de IntP da sentença encaixada e, em seguida, vão para o Spec de FocP da sentença matriz. As análises de *perché/why* nas leituras matriz e encaixada da sentença em (13), por exemplo, são ilustradas, em seus aspectos relevantes, em (14) e (15), respectivamente.

(14) [_{ForceP} [_{IntP} **why** ... did ... [_{IP} you say [that [_{IP} Daniel left ...

(15) [_{ForceP} [_{FocusP} **why**_i ... did ... [_{IP} you say [that... [_{IntP} **t**_i... Daniel left ...

A proposta de que na leitura encaixada de *perché* envolve movimento deriva de dados como os em (16) e (17), que exibem um contraste: enquanto em (16) são possíveis ambas as leituras matriz e encaixada, em (17) apenas a leitura matriz é disponível. Esse fato mostra que a leitura encaixada de *why* é sensível à negação, que provoca uma intervenção/violação de Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990) na passagem de *why* da sentença encaixada para a sentença matriz, tal como esquematizado em (18):

(16) Why did you say Geraldine fixed her bike?

‘Por que você disse que a Geraldine consertou a bicicleta dela?’

Leitura matriz: Why did you say so and so?

‘Por que você disse tal coisa?’

Leitura encaixada: Why did Geraldine fix her bike?

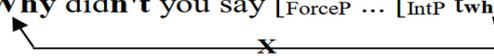
‘Por que a Geraldine consertou a bicicleta dela?’

(RIZZI, 1990; 2001 *apud* SHLONSKY; SOARE, 2011)

(17) Why didn't you say Geraldine fixed her bike?

‘Por que você não disse que a Geraldine consertou a bicicleta dela?’

(18) [**Why** didn't you say [_{ForceP} ... [_{IntP} *t_{why}* Geraldine fixed her bike]]]



Assim, o sintagma NegP funciona como uma barreira para o movimento do sintagma-wh *why*.

Por outro lado, a assunção de que na interpretação encaixada *perché* se move para Spec de FocP matriz se deve ao fato de *perché* ser incompatível com um foco. Uma frase como (19), com *perché* seguido de um foco, não é ambígua: pode ter leitura matriz, mas não leitura encaixada.

(19) Perché A GIANNI ha detto che si dimetterà (non a Piero)?

‘Por que pro GIANNI ele disse que vai se demitir (não pro Piero)?’ (RIZZI, 2001, p. 8)

Em estudo sucessivo, Shlonsky e Soare (2011) apresentam um refinamento para a abordagem de Rizzi, tendo como ponto motivador o princípio do *Criterion Freezing*, identificado no trabalho de Rizzi (2006) sobre a formação de cadeias-A'. Apresentando argumentos baseados na sintaxe de *why* e de seu correspondente em romeno, *de ce*, Shlonsky e Soare (2011) assumem uma dissociação entre a posição de *merge* externo e a posição criterial de *why*. Eles propõem a existência de uma projeção

não-criterial localizada abaixo de IntP, denominada ReasonP. Essa seria a posição de *merge* externo de *why*, assim como de suas contrapartes em algumas línguas. Na leitura local, *why* se move de Spec de ReasonP para Spec de IntP:

(20) ... IntP > TopP > FocP > WhP > ReasonP ... (SHLONSKY; SOARE, 2011, p. 663)

Diferentemente de Rizzi (2001), Shlonsky e Soare assumem a presença de uma projeção WhP para acomodar sintagmas-wh argumentais, seja em frases matrizes, seja em encaixadas. Nessa perspectiva, os autores propõem que, na leitura encaixada, *why* se move para o Spec de WhP matriz, partindo de Spec de ReasonP encaixado^{11, 12} (cf. (21)).

(21) [Force... WhP ... FinP... ... [IP_{matriz} [ForceP [ReasonP [IP_{encaixado}

Como se observa, as propostas de Rizzi (2001) e de Shlonsky e Soare (2011) se diferenciam em dois aspectos centrais: um é a posição de *merge* externo de *why*, e a outra refere-se ao fato de *why* envolver ou não movimento em contextos matrizes. Independentemente de tais diferenças, ambas as análises compartilham a ideia de que sintagmas adverbiais altos se originam em uma posição alta da estrutura sintática, mais precisamente, na camada CP, seja em contextos matrizes, seja em encaixados.

Em suma, dentro da abordagem cartográfica, sintagmas-wh adverbiais altos como *perché/why* (cf. (2)) se diferenciam de sintagmas-wh argumentais (tais como *che cosa* em (1a')) e adverbiais baixos (tais como *dove* e *come*, ilustrados em (1b'-c')) por nascerem no sistema CP. Todavia, é importante ressaltar que a literatura aponta contrastes entre as próprias interrogativas com sintagmas-wh adverbiais altos. Muitas dessas diferenças têm sido descritas com base no inglês. Como observa Collins (1991), existem importantes contrastes sintáticos entre *why* e *how come*. Entre eles está o fato de que interrogativas matrizes com *why*, mas não com *how come*, desencadeiam movimento de I para C:

11 Com essa proposta, Shlonsky e Soare (2011) evitam um problema que os autores apontam para a análise de Rizzi (2001): o fato de que, na leitura encaixada, *why* se origina na posição criterial de Spec de IntP e, em seguida, passa por outro movimento em direção do Spec de FocP matriz, violando, assim, o Congelamento Criterial.

12 Vide seção 5 de Shlonsky e Soare (2011) para uma discussão sobre como é possível dar conta, nessa abordagem, da incompatibilidade entre foco e wh argumental em contextos matrizes, e de por que *why* se move para Spec de WhP, e não Spec de IntP na leitura encaixada.

(22) a. Why did John leave?

‘Por que o John foi embora?’

b. How come John left?

‘Como assim o John foi embora?’

(COLLINS, 1991, p. 32)

Outro contraste é que enquanto uma pergunta como (23a) pode ter leitura matriz ou encaixada, uma sentença como (23b) pode apenas ter escopo sobre a sentença matriz. Tal diferença é verificada também em italiano, entre *perché* e *come mai*, como mostra (24).

(23) a. Why did John say Mary left?

‘Por que o John disse que a Maria partiu?’

b. How come John said Mary left?

‘Como assim o John disse que a Maria partiu?’

(COLLINS, 1991, p. 33)

(24) a. Come mai ha detto che si dimetterà?

(√leitura matriz)

‘Como assim (ele/a) disse que vai se demitir?’

(*leitura encaixada)

b. Perché ha detto che si dimetterà?

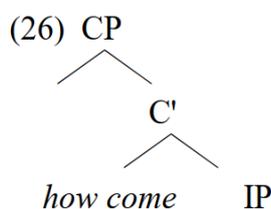
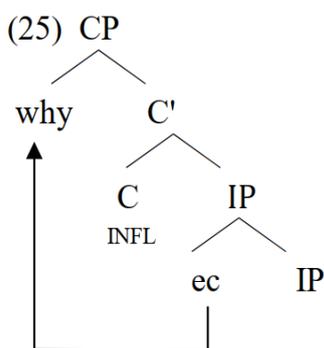
(√leitura matriz)

‘Por que (ele/a) disse que vai se demitir?’

(√leitura encaixada)

(SHLONSKY; SOARE, 2011, p. 665-666)

Collins (1991) deriva as diferenças entre interrogativas com *why* e *how come* com base na ideia de que *why* nasce como adjunto de IP e se move para Spec de CP. Isso é representado em (25), em que INFL indica o movimento de I para C. Por outro lado, este mesmo autor propõe que *how come* ocupa o núcleo de CP, tal como em (26):



(COLLINS, 1991, p. 32-33)

A análise de Collins, na verdade, assume que, em alguns casos, *why* pode ser também inserido como adjunto de VP, sem fazer referência ao tipo de leitura envolvida (se de causa/razão ou propósito, por exemplo). Isso pode ser apontado como um problema para a abordagem, por pelo menos dois aspectos: primeiro, por retirar o caráter de operador sentencial de *why* quando envolve leitura de causa/razão; em segundo lugar, por obscurecer diferenças importantes entre advérbios altos e baixos, como é o caso da conhecida restrição de agentividade, a qual opera sobre advérbios baixos, mas não sobre elementos como *why* (cf., entre outros ZWICKY; ZWICKY, 1973; TSAI, 2008).

Shlonsky e Soare (2011), por outro lado, propõem que *how come/come mai* têm como posição de base Spec de IntP. Portanto, em sentenças como (23b) e (24a), *how come* e *come mai*, quando interpretados na sentença encaixada, são inseridos diretamente em Spec de IntP, sendo sujeitos ao *Criterion Freezing*. Uma das consequências é que tais sintagmas não podem realizar o movimento para a sentença matriz, movimento que possibilitaria a leitura encaixada. Por outro lado, isso não ocorre com *why* e *perché*, dado que esses elementos têm como posição de base Spec de ReasonP, uma posição não criterial. A partir dessa posição, *why* e *perché* têm a possibilidade de se mover para o Spec de IntP matriz (cf. (20)), gerando a leitura matriz, ou para Spec de WhP matriz, gerando a leitura encaixada (cf. (21)).

Sentenças com *como assim* em PB parecem ser contraparte de sentenças com *how come/come mai*, dado que, como essas, veiculam a leitura causal. Porém, perguntas com *como assim* podem também apresentar outros tipos de leituras aparentemente não identificadas em línguas como o inglês e o italiano. A literatura acerca de sentenças com *come mai* no italiano é escassa. Para compreender as leituras de *como assim*, na seção que segue apresentaremos as propriedades semânticas de *how come*. Ao mesmo tempo, serão tecidas algumas considerações sobre estruturas interrogativas com *zenme*, do chinês.

3. Propriedades semânticas das interrogativas com *how come* e *zenme*

Podemos dizer que as primeiras considerações de caráter formal sobre a semântica de interrogativas com *how come* aparecem em Zwicky e Zwicky (1973). Nesse estudo, os autores comparam *how come* a outro sintagma-wh do inglês: *what for*. Zwicky e Zwicky observam que *how come* e *what for* são advérbios de *razão*, assim como o elemento *why*. Isso é constatado pelo fato de que todas as perguntas de (27) a (29) podem ser associadas às proposições em (30) e (31):

(27) How come there is a mark on this page?

‘Como assim tem uma marca nessa página?’

(28) What is there a mark on this page for?

‘Para que tem uma marca nessa página?’

(29) Why is there a mark on this page?

‘Por que tem uma marca nessa página?’

(30) There is a mark on this page for some reason.

‘Tem uma marca nessa página por alguma razão’

(31) There is some reason for there being a mark on this page.

‘Tem alguma razão para ter uma marca nessa página’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 923)

No entanto, os autores apontam uma distinção crucial entre *how come* e *what for*: o primeiro questiona causa, e o segundo propósito, conforme as possíveis respostas para as perguntas em (32a) e (33a), ilustradas em (32b) e (33b), respectivamente.

(32) a. How come there is a mark on this page?

‘Como assim tem uma marca nessa página?’

b. Because the dye in the binding ran

‘Porque a tinta da capa vazou’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 923)

(33) a. What is there a mark on this page for?

‘Para que tem uma marca nessa página?’

b. Because I wanted you to be sure to read it.

‘Porque eu queria que você tivesse certeza que era para ler’

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 923)

Outra propriedade relevante que distingue esses advérbios é que *how come* e *what for* funcionam de forma diferente em contextos agentivos. Consideremos, por exemplo, predicados como *ser alto* e *sentir frio*. Pelo fato de a altura de alguém ou a sensação de frio não serem predicados controláveis por um agente, *what for* mostra uma restrição nesses contextos, enquanto *how come* não, como

observamos no contraste entre as sentenças em (34) e (35).

- | | |
|---|--|
| (34) a. How come George is tall?
‘Como assim o George é alto?’ | (35) a. ?What is George tall for?
‘Para que o George é alto?’ |
| b. How come you feel cold?
‘Como assim você sente frio?’ | b. ?What do you feel cold for?
‘Para que você sente frio?’ |

(ZWICKY; ZWICKY, 1973, p. 924)

Levando em conta esses dados, Zwicky e Zwicky (1973) propõem que a leitura usualmente conhecida como razão é, na verdade, subdivida entre causa e propósito. Causa seria uma relação entre um estado de coisas e um outro, enquanto propósito seria uma relação entre as ações de um agente e um (pretendido) estado de coisas. Em ambos os casos, o primeiro estado de coisas (EC₁) temporalmente precede o segundo (EC₂) e é uma explanação para este. Essa ideia é ilustrada em (36) e (37), usando (32) e (33).

(36) [EC₂ There is a mark on this page] because [EC₁ the dye in the binding ran] (causa)

(37) [EC₂ There is a mark on this page] because [EC₁ I wanted you to be sure to read it] (propósito)

Da descrição semântica que Zwicky e Zwicky (1973) apresentam para os sintagmas *how come*, *what for* e *why* em inglês, portanto, resulta que *how come* veicula semântica de causa, enquanto *what for* é interpretado como propósito. Além disso, observa-se que, juntos, *how come* e *what for* cobrem o domínio semântico de *why*, sintagma que pode ter ambos os tipos de semântica.

Tsai (2008), investigando interrogativas-wh do chinês, apresenta uma descrição semântica mais detalhada para *how come* e *why*, considerando também a semântica de *how*. Se considerarmos os exemplos em (38), notamos que *how* pode ter leitura de maneira (38b), instrumental (38c)¹³ e resultativa (38d)¹⁴. Ao observarmos os contextos em (39), notamos que, além da leitura causal que

13 Embora nesse contexto não fique clara a relação de *how* e instrumento, há contextos em que essa correspondência é mais evidente, como no contexto em (i).

(i) a. How did John break the vase?

‘Como o John quebrou o vaso?’

b. With a hammer. [instrumental] (TSAI, 2008, p. 85)

‘Com um martelo’

14 Tal denominação, embora não muito precisa com esse exemplo, pode ser observada no contexto abaixo, no qual a resposta em (ib) enfatiza o estado resultante.

how come apresenta, como em (39a), *how* também pode ser interpretado como um questionamento sobre causa, como observamos em (39b). Além disso, em alguns contextos, *how* pode apresentar uma leitura de negação acerca de um estado de coisas, como no contexto em (39c), no qual além da interpretação de causa do evento, podemos compreender que o que o falante quer expressar é a sua avaliação de que o evento *não deveria ter acontecido*.

(38) a. How did John handle this matter?

‘Como o John se saiu nessa matéria?’

b. Quite skillfully, I think. [maneira]

‘Habilidosamente, eu acho.’

c. By pulling quite a few strings. [instrumental]

‘Mexendo alguns pauzinhos.’

d. Rather successfully, I would say. [resultativa]

‘Com muito sucesso, eu diria.’ (TSAI, 2008, p. 84)

(39) a. How come John arrived so late? [causal]

‘Como assim o John chegou tão tarde?’

b. How is it that John arrived so late? [causal]

‘Como é que o John chegou tão tarde?’

c. How could John do this to me? [negação]

‘Como o John pôde fazer isso comigo?’ (TSAI, 2008, p. 84)

Além disso, Tsai (2008) estabelece uma distinção crucial entre *how come* e *why*, ressaltando que o primeiro evidencia um estado de contra-expectativa do falante. Observemos o contexto em (40):

(i) a. How did John break the vase?

‘Como o John quebrou o vaso?’

b. Into two pieces. [resultativa] (TSAI, 2008, p. 85)

‘Em dois pedaços’

(40) **How come** the sky is blue? (It was cloudy just this morning.)

‘Como assim o céu está azul? (Estava nublado ainda essa manhã.)’

Pressuposição → o céu está azul e algo fez com que ele se tornasse azul

contra-expectativa → o céu não deveria estar azul

Speech Act → o falante quer saber o que fez com que o céu se tornasse azul

Resposta → porque as nuvens acabaram de se dissipar

(TSAI, 2008, p.89, grifo nosso)

Em (40), a pergunta com *how come* é de causa. A pressuposição desta pergunta é que *o céu está azul e que algo fez com que ele se tornasse azul*. Assim, quando um falante produz (40), ele quer saber o que causou o evento “o céu estar azul”. Uma resposta poderia ser *porque as nuvens acabaram de se dissipar*. Associada à pragmática desta sentença, estaria uma contra-expectativa: *o céu não deveria estar azul*. Tal contra-expectativa equivale ao chamado caráter mirativo, que abordaremos na seção seguinte.

Diferentemente de contextos com *how come*, contextos com *why* não envolvem uma contra-expectativa do falante, como observamos em (41).

(41) **Why** is the sky blue? (I am not aware of any scientific explanation.)

‘Por que o céu é azul? (Eu não estou ciente de nenhuma explicação científica.)’

Pressuposição → o céu é azul

Speech act → o falante quer saber a razão de o céu ser azul

(TSAI, 2008, p.89, grifo nosso)

A sentença em (41) tem como pressuposto que *o céu é azul*, e o falante quer saber a razão de *o céu ser azul*. Além disso, ao contrário da pergunta com *how come* em (40), não existe a contra-expectativa de que *o céu não deveria estar azul*. Tsai (2008) identifica essa leitura como razão.

Tsai recorre à tipologia proposta Reinhart (2003, *apud* TSAI, 2008, p. 90), segundo a qual se podem distinguir três tipos de relações causais entre dois eventos: *Enable* (habilitação), *Cause* (Causa) e *Motivate* (Motivação):

(42) a. Habilitação: um evento é uma condição necessária para o outro

(e.g., Passuya entrou na piscina e então ele se afogou)

b. Causa: um evento é uma condição suficiente para a outra

(e.g., Acabou de nevar lá fora, então a neve está branca)

c. Motivação: um evento habilita ou causa o outro mediado por um estado mental

(e.g., Pasuya queria comer, então ele começou a cozinhar)¹⁵

(TSAI, 2008, p.90, tradução nossa)

Segundo Tsai, a leitura de razão de interrogativas com *why* em contextos como (41) deriva da relação Habilitação. Assim, perguntas como (43) e (44) têm uma representação semântica como aquela representada em (45a) e (45b), sendo o foco do questionamento o evento efeito (e') e o estado resultante (s), respectivamente.

(43) Why did Pasuya hit Mo'o?

'Por que Pasuya bateu em Mo'o?'

(TSAI, 2008, p. 93)

(44) Why is the snow white?

'Por que a neve é branca?'

(TSAI, 2008, p. 91)

(45) a. ?e∃e' (hitting(e') & Agent(e', Pasuya) & Theme(e, Mo'o) & ENABLE(e, e'))

b. ?e∃s (being-white(s) & Theme(s, the snow) & ENABLE(e, s)) (TSAI, 2008, p. 91)

Por outro lado, Tsai (2008) propõe que perguntas com *how come* expressam a relação Causa entre dois eventos. Em (46), o que está sendo questionado é o evento efeito, como mostra *e'* no início da fórmula apresentada em (48a). Por outro lado, em sentenças como (47), o que está em questão é o estado resultante *s*, como é observado na representação em (48b).

15 Enable: One event is a necessary condition for the other.

(e.g., Pasuya entered the pool, and then he drowned.)

Cause: One event is a sufficient condition for the other.

(e.g., It just snowed outside, so the snow is white.)

Motivate: One event either enables or causes the other, mediated by a mental state.

(e.g., Pasuya wanted to eat, so he started to cook.) (TSAI, 2008, p.90)

(46) How come Pasuya hit Mo'o?

‘Como assim Pasuya bateu no Mo'o?’

Pressuposição → Pasuya bateu em Mo'o e algo fez com que ela batesse em Mo'o.

Contra-expectativa → Pasuya não deveria bater em Mo'o.

Speech Act → o falante quer saber o que fez com que Pasuya batesse em Mo'o.

(47) How come the snow is white?

‘Como assim a neve está branca?’

Pressuposição → a neve está branca e algo fez com que ela se tornasse branca.

Contra-expectativa → a neve não deveria estar branca.

Speech Act → o falante quer saber o que fez com que a neve se tornasse branca.

(TSAI, 2008, p. 89)

(48) a. ?e∃e' (hitting(e') & Agent(e', Pasuya) & Theme(e', Mo'o) & CAUSE(e, e'))

b. ?e∃s (being-white(s) & Theme(s, the snow) & CAUSE(e, s)) (TSAI, 2008, p. 90)

Com relação à leitura de propósito de *why* e *what for*, Tsai (2008) assume que a relação estabelecida entre os estados de coisas é mediada pelo estado psicológico de um agente, o que caracteriza a relação denominada Motivação, tal como descrita em (42c). Nesses contextos, um evento efeito é habilitado ou causado mediante a condição psicológica de um agente. Em (49a), o questionamento é sobre as intenções de Akiu ir embora. A representação semântica dessa sentença é aquela em (49b), evidenciando que o papel do agente e do estado psicológico deste é primordial para a relação Motivação.

(49) a. For what purpose will Akiu leave?

‘Por que propósito o Akiu vai embora?’

b. ?e∃e' (leaving(e') & Agent(e', Akiu) & MOTIVATE(e, e'))

c. MOTIVATE(e, e') « e habilita ou causa e', mediado por um estado mental.

(TSAI, 2008, p. 94)

Tsai (2008) observa que a língua chinesa apresenta um comportamento interessante no que se refere a interrogativas com advérbios altos. Nessa língua, as leituras de *zenme* (que se traduz por *how* no inglês) podem ser instrumental, resultativa, descritiva e também de causa e denegação. O comportamento sintático de *zenme* nessa língua é particularmente interessante porque sua leitura varia em função da posição sintática, como ilustrado em (50) e (51).

(50) a. Akiu keyi zenme(-yang) qu Taipei? [instrumento]

Akiu modal como(-maneira) ir Taipei

‘Como o Akiu pode ir para Taipei?’

b. Akiu zenme(*-yang) keyi qu Taipei? [causa/denegação]

Akiu como(-maneira) modal ir Taipei

‘Como assim o Akiu pôde ir para Taipei?’

‘Akiu não pode/não deveria ir para Taipei’ (TSAI, 2008, p.86)

(51) A: zhe-jian shi, Akiu chuli-de zenme*(-yang)?

esse-Cl fato Akiu lidar-Res como(-maneira)

‘Como Akiu lidou com esse fato?’

B: a. chuli-de hen chenggong. [resultativa]

lidar-Res muito sucesso

‘Ele lidou com esse fato de tal maneira que foi um sucesso’

b. chuli-de hen piaoliang. [descritiva]

lidar-Res muito lindo

‘Ele lidou com esse fato lindamente’ (TSAI, 2008, p.86)

Zenme é uma forma simples de *how*. Ele forma uma pergunta com leitura de causa em posição pré-modal (50b) e, quando ocupa a posição pós-modal, tem uma leitura de instrumento (50a), do mesmo tipo das leituras ilustradas em (38c) e na nota de rodapé 13. Além disso, em posição pós-modal pode se manifestar o sintagma *zenme-yang*, veiculando leitura de maneira. Por fim, *zenme-yang*, quando introduzido por um verbo marcado pelo aspecto resultativo (*de*), pode apresentar semântica resultativa (51Ba) ou descritiva (51Bb).

O contraste semântico das perguntas em *how come* e *why* é também observado em chinês, com *zenme* (*how come*) e *weishenme* (*why*):

(52) a. tiankong **zenme** shi lande?

céu como ser azul

‘Como assim o céu é azul?’

b. tiankong **weishenme** shi lande?

céu por que ser azul

‘Por que o céu é azul?’

(TSAI, 2008, p.89, grifos nossos)

Em (53a), *weishenme* (*why*) só pode preceder o modal de futuro, e tem leitura de razão. Ao suceder o modal, a sentença torna-se agramatical, conforme ilustrado em (53b).

(53) a. Akiu **weishenme** hui zou? (razão > modal de futuro)

Akiu por que modal ir embora

‘Por que Akiu iria embora?’

b. *Akiu hui **weishenme** zou? (*modal > razão)

Akiu modal por que ir embora

‘Por que Akiu iria embora?’

(TSAI, 2008, p.93, grifos nossos)

Em (54), observamos que *wei(-le) shenme*, por outro lado, tem um comportamento contrário a *weishenme* em relação ao modal de futuro, e apresenta leitura de propósito.

(54) a. Akiu hui **wei(-le) shenme** cizhi? (modal > propósito)

Akiu modal com(-Prf) qual propósito demitir-se

‘Com qual propósito Akiu iria demitir-se?’

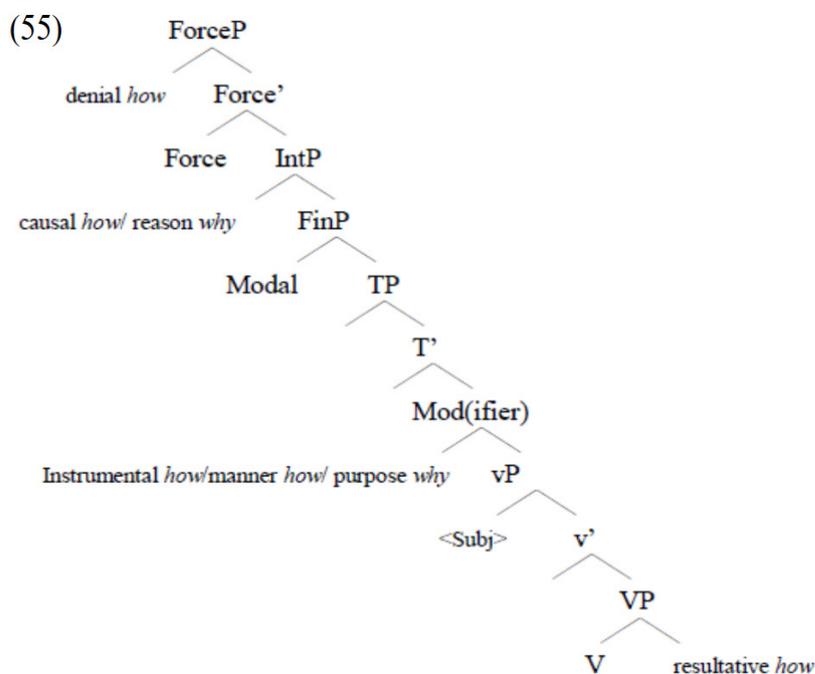
b. ??Akiu **wei(-le) shenme** hui cizhi? (??propósito > modal)

Akiu com(-Prf) qual propósito modal demitir-se

‘Com qual propósito Akiu iria demitir-se?’

(TSAI, 2008, p.93, grifos nossos)

Levando em conta que tanto *zenme* com leitura de causa quanto *weishenme* de razão aparecem numa posição pré-modal, Tsai conclui que o *how* causal e o *why* de razão são advérbios-wh altos, enquanto *how* instrumental e *why* de propósito são advérbios-wh baixos. Tsai (2008) propõe as seguintes posições de base para os elementos-wh:



TSAI (2008, p. 113)

4. A interpretação de interrogativas com *como assim*

Vimos, na seção anterior, que os sintagmas *how* e *zenme* podem ter leitura de maneira, de instrumento, resultativa, causal e denegativa. Isso também ocorre no PB, como mostram os dados a seguir, adaptados de Tsai (2008):

(56) A: Como o Paulo quebrou esse vaso?

- B: a. Com muita raiva. [maneira]
 b. Com um martelo. [instrumento]
 c. Em milhões de pedaços. [resultativa]

(57) A: Como (é que/que) o João chegou tarde?

B: Porque o carro dele quebrou. [causa]

Enquanto *como* pode ter essas quatro leituras, isso não se aplica a *como assim*: quando atua

como um verdadeiro operador-wh, ele não pode ter as leituras maneira, instrumento e resultativa, como mostra o contraste entre (58Ba), de um lado, e (58Bb-d), de outro (cf. SOUSA, 2018).

(58) A: Como assim o próprio Paulo resolveu o problema da carteira de motorista?

- B: a. Porque os outros não eram capazes de resolver. [causa]
b. #Com muita habilidade. [maneira]
c. #Mexendo alguns pauzinhos. [instrumento]
d. #Deixando os funcionários do DETRAN estressados. [resultativa]

Ao compararmos *como assim* com *how come* e *zenme* notamos, portanto, que, do ponto de vista interpretativo, *como assim* pode ser considerado contraparte desses sintagmas, pois serve para veicular leitura de causa. Dessa forma, a sentença em (58Ba) tem a pressuposição de que o Paulo resolveu o problema da carteira de motorista e que algo fez com que ele o resolvesse. Ao produzir (58A), o falante deseja saber o que levou ao evento “o Paulo resolver o problema da carteira de motorista”. Há uma relação de causa entre dois eventos, sendo o evento efeito o foco da questionamento, tal como representado em (59).

(59) ?e∃e' (resolver(e') & Agent(e', Paulo) & Theme(e', o problema da carteira de motorista) & CAUSE(e, e'))

Adicionalmente, a pragmática (58A) claramente está associada a uma contra-expectativa do falante, a saber, de que Paulo não deveria/não seria capaz de resolver o problema da carteira de motorista:

(60) **Presuposição:** o Paulo resolveu o problema da carteira de motorista.

→ o Paulo não deveria/não seria capaz de resolver o problema da carteira de motorista.

Speech Act: o falante quer saber o que causou o Paulo resolver o problema da carteira de motorista

Além de veicular semântica de causa, interrogativas com *como assim* podem veicular semântica de propósito, como mostra o diálogo em (61) (cf. GUESSER et al (no prelo); SOUSA, 2018), leitura também marcada por exprimir contra-expectativa do falante:

(61) A: Você ficou sabendo que o João comprou um novo celular?

B: Como assim o João comprou um novo celular?

A: Para se aparecer para os amigos. [propósito]

Considerando essa possibilidade interpretativa, podemos hipotetizar que *como assim*, além de atuar como advérbio alto, com leitura de causa, pode também atuar como um advérbio baixo, com *merge* externo em uma posição logo acima de vP. Isso parece se confirmar quando observamos que *como assim* de propósito, da mesma forma que o sintagma de propósito *para que*, está sujeito à restrição de agentividade, não sendo compatível, por exemplo, com predicados como *ser alto* e *sentir frio*:

(62) A: Como assim o Jorge é tão alto?

B: Porque os pais dele têm mais de 1,90 de altura.

C: #Porque ele quer ser jogador de basquete.

(63) A: Como assim o Jorge está com frio?

B: Porque ele é uma pessoa friorenta! [causa]

B: #Porque ele quer chamar a atenção das pessoas. [propósito]

As semânticas de causa e propósito de *como assim* se referem a casos em que esse sintagma é um operador-wh. Por outro lado, há casos em que *como assim* não atua como um verdadeiro operador (cf. GUESSER et al, no prelo). Consideremos os diálogos a seguir, retirados do NURC(cf. SOUSA, 2018):

(64) Doc. - A área que nós escolhemos pra você foi vida social e diversões. Você ... Eu queria que você falasse um pouquinho disso a partir de determinadas perguntas que eu vou te fazer. Você costuma dividir ou você sabe se as pessoas dividem, eh, o grupo, um grupo, determinado grupo social em classes, classes sociais, quais são, como é que elas se chamam, como se caracterizam?

Loc. - As classes sociais? **Como assim?**

Doc. - Você costuma dividir as pessoas em classes sociais?

Loc. - Bom, tem a, a chamada classe alta, a classe média e a, a classe baixa, né?

Doc. - Que significa a classe alta, média e baixa? (RJ-DID-016)

(65) LOC. - (sup.) Vejo muito. /Vejo muito pelo seguinte: porque hoje em dia pra a gente sair à noite, meu filho, é preciso quase que pedir o exército, porque é um tal de assalto e essa coisa toda, porque aí, eu também poderia ter respondido aqui à L., por que às vezes eu não saio à noite. Eu só sairei à noite se me derem garantia. Senão eu não saio.

DOC. - **Como assim?** Não entendi.

LOC. - Ô, minha filha, os ladrões estão ali a cada passo. Ainda lá em casa um dia desses, se não fosse a presença de espírito da nossa empregada, eu não sei o que que haveria. Era um sábado, ela, empregada nova, estava sozinha lá em casa. Eu tenho duas entradas. Apertaram a campainha (inint.) dos fundos, ela foi ver e um havia ... Eram dois homens e uma mulher. Disse ela que parece que a mulher usava peruca, e procurando a dona S., que é a minha filha, procurando o seu L., que é o meu genro, e dizendo que eles iam ornamentar a nossa casa. Ela, com uma presença de espírito, não abriu, fechou-se, e eles bateram, bateram, não foram atendidos e foram embora. Se, durante o dia, fazem isso, e à noite? À noite é muito perigoso.

(RJ-DID-044)

Nesses dois diálogos, as ocorrências de interrogativas com *como assim* são usadas para solicitar informações adicionais sobre um pronunciamento feito anteriormente. Em (64), o questionamento é feito após o locutor (loc) não compreender a que classes sociais o documentador (doc) se referia. Isso pode ser observado na resposta do entrevistado que, ao perceber que não foi claro, faz uma paráfrase da sentença como *você costuma dividir as pessoas em classes sociais?* Em (65), observamos algo semelhante: após não entender o que o entrevistado quis dizer com *Eu só sairei à noite se me derem garantia. Senão eu não saio*, o documentador pergunta *Como assim?* Em seguida, ele reitera a necessidade de esclarecimentos adicionais por parte do entrevistador dizendo *Não entendi*.

Guessser *et al* (no prelo) denominam essa leitura de interrogativas com *como assim* de elucidativa, dado que se trata de um uso em que o falante pede elucidações/esclarecimentos acerca do que ouviu. Consideremos agora o diálogo em (66):

(66)

Loc. - bom... obviamente... tem um goleiro... dois zagueiros... dois do meio de campo e um na... frente... fazendo a... ponta de lança... como eles... Doc. - qual a função de cada um?

Loc. - **como assim?** bom... aí pra explicar... os zagueiros ficam plantados... próximo à área... justa-mente pra evitar... que haja o perigo do adversário... penetrar... os de meio de campo... é que

auxili-am... e praticamente agem... como atacantes... em si... que é aqueles que podem...exatamente...
fa-zer... perigar o adversário... então... ele jogam... de comum acordo com aquele que fica na frente...
lutando por isso... eu acho que futebol... acho que já falei demais...

(RJ- DID-052, grifo meu)

Nesse contexto, a interrogativa com *como assim* não solicita uma resposta relacionada a causa ou propósito, nem é usada para solicitar informações adicionais. Ela serve para exprimir incredulidade e convida o interlocutor a confirmar o que ele disse anteriormente.

No presente estudo, nos concentraremos nas interrogativas com *como assim* de leitura de incredulidade¹⁶.

5. Como assim de incredulidade

Para iniciarmos as considerações sobre *como assim* de incredulidade em PB, observemos os contextos a seguir:

(67) A₁: A Solange se casou de novo. Você ficou sabendo?

B: Como assim a Solange se casou de novo? (Ela sempre teve grandes decepções em todos os seus casamentos anteriores e tinha prometido não se casar nunca mais)

A₂: Pois é, mas ela se casou de novo.

(68) A: O João comprou sapatos novos.

B: Como assim sapatos novos? (Ele não tem dinheiro para isso!)

(69) A₁: O João está estudando para ser um endocrinologista.

B₁: O que um endocrinologista faz?

A₂: Como assim o que um endocrinologista faz? (Você, com tantos anos de estudo, devia saber o que um endocrinologista faz)

B₂: Sim, eu não sei o que um endocrinologista faz. Não sou obrigado a saber tudo.

Dayal (2016), em *Questions*, trabalha com os rótulos “questões canônicas” e “questões não canônicas”. Segundo a autora, questões canônicas envolvem o seguinte *Speech Act*:

16 É importante mencionar que *como assim* de incredulidade, assim como o de causa e propósito, possuem uma prosódia particular, se comparada com interrogativas com outros sintagmas-wh e também em comparação com sentenças como *como assim* de leitura elucidativa. Deixaremos as propriedades prosódicas de *como assim* para um estudo futuro.

(70) ATO DE FALA DE QUESTIONAR— o Falante questiona o Interlocutor sobre uma proposição p se

i. F não sabe a verdade sobre p.

ii. F quer saber a verdade sobre p.

iii. F acredita que I sabe sobre a verdade de p. (DAYAL, 2016, p. 4, tradução nossa)¹⁷

Dado (70), podemos considerar que as sentenças de (67) a (69) não satisfazem os requisitos do *Speech Act* de questionar. Nesses exemplos, os falantes B, ao proferirem as sentenças com *como assim*, não querem saber a verdade de uma proposição. Interrogativas com *como assim* de incredulidade podem ser encaradas como questões não-canônicas, nos termos de Dayal (2016), e podem ser semanticamente acomodadas às chamadas interrogativas declarativas.

Krifka (2012), com base no inglês, observa que interrogativas declarativas são estruturas que apresentam a sintaxe de uma sentença declarativa mas que têm uma prosódia marcada por um alçamento final (*final rise*), que indica que a sua interpretação é uma interrogação. Entre os exemplos desse tipo de sentença, o autor apresenta (71) que, sintaticamente, se diferencia de uma interrogativa polar canônica, como (72), pela ausência de inversão.

(71) You have been convicted of a felony?

Você tem sido condenado por um crime

‘Você foi condenado por um crime?’

(72) Have you been convicted of a felony?

Tem você sido condenado por um crime

‘Você foi condenado por um crime?’

(KRIFKA, 2012, p. 24)

Do ponto de vista semântico, Krifka aponta que a principal diferença entre interrogativas declarativas e polares é o fato de que as declarativas expressam certo viés do falante. Assim, em uma entrevista de emprego, uma pergunta como (72) é feliz, ao passo que uma interrogação como (71) não é, dado que ela sugere que existe evidência de que a proposição é verdadeira. Além de ter evidência

17 SPEECH ACT OF QUESTIONING—Speaker questions Hearer about proposition p iff

i. S does not know the truth about p.

ii. S wants to know the truth about p.

iii. S believes H knows the truth about p.

(DAYAL, 2016, p. 4)

independente de que a proposição seja verdadeira, ao proferir (71) o falante assume que o seu ouvinte tem um conhecimento mais definido e objetiva checar com o ouvinte a confirmação de tal proposição. É relevante ainda observar que interrogações como (71) podem apresentar um contorno prosódico de incredulidade através do qual, segundo Krifka (2012), o falante manifesta dúvida de que seu ouvinte será capaz de realizar a requerida confirmação.

Na abordagem de Krifka (2012), interrogativas declarativas de incredulidade envolvem um operador I-REQUEST. Ou seja, tais sentenças correspondem a um *Speech Act* que, por sua vez, podem conter outro *Speech Act*. Assim, sentenças como (71) envolveriam o esquema em (73), que assume recursividade para ForceP.

(73) [ForceP *REQUEST* [ForceP *ASS* [TP ϕ]]] (KRIFKA, 2012, P. 25)

O operador I-REQUEST, além de solicitar uma confirmação de um *Speech Act*, é caracterizado por portar a leitura de incredulidade, via implicatura convencional.

Voltando às interrogativas com *como assim* em PB, constatamos as mesmas propriedades semânticas de interrogativas declarativas apontadas por Krifka (2012). Nos exemplos de (67) a (69) acima apresentados, constata-se que o falante B, ao proferir a sentença com *como assim*, já assume a asserção anterior como verdadeira e, assumindo que seu interlocutor tem maiores conhecimentos, pede-lhe que confirme seu *Speech Act* (uma asserção, no caso dos diálogos em (67) e (68), ou uma pergunta, no caso de (69)) e se mostra incrédulo quanto à possibilidade de seu interlocutor confirmar o *Speech Act*. Note que a confirmação do interlocutor pode ser introduzida por diferentes expressões, tais como *pois é* (67), *sim* (69), ou mesmo pelo silêncio do interlocutor (68).

No espírito de Krifka (2012), assumiremos que sentenças interrogativas com *como assim* de incredulidade envolvem um operador I-REQUEST, localizado em uma posição acima da posição tradicional de ForceP, responsável por solicitar a confirmação de um *Speech Act* e por portar a implicatura convencional de incredulidade. Por outro lado, assumiremos que atuar sobre um *Speech Act* pode ser sintaticamente traduzido como atuar sobre uma informação dada no contexto discursivo, ou seja, sobre uma sequência topicalizada.

No que se refere à precisa localização de *como assim*, constata-se que esse elemento pode ser precedido por vocativos (74) e por sintagmas topicalizados (75):

(74) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

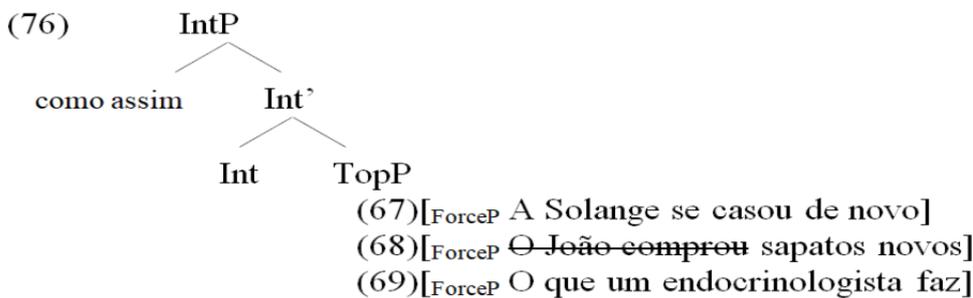
Joana: Pedro, como assim o Paulo chutou o cachorro?

(75) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

Joana: O cachorro_i, como assim o Paulo chutou ele_i?

Pedro: Pois é, ele fez isso.

Considerando a hierarquia cartográfica do sistema CP (RIZZI,1997; 2001; RIZZI: BOCCI, 2016), nossa proposta é que *como assim* é inserido abaixo de ForceP, mais precisamente, em Spec de IntP. IntP seleciona como seu complemento uma projeção de TopP, que alojará o *Speech Act* sobre o qual se pede uma confirmação. Em (76) temos as representações para as interrogativas exemplificadas em (67) – (69), em que o ForceP inteiro é alojado em Spec de TopP. Em (68), além disso, ocorre apagamento da sequência “O João comprou”.



Com essa análise, é possível dar conta das peculiaridades de interrogativas com *como assim* de incredulidade em PB. A primeira é o fato de que, diferentemente do que ocorre com as demais expressões interrogativas (77), *como assim* não pode permanecer *in situ* (78), o que fica explicado com a ideia de que *como assim* é inserido diretamente em Spec de IntP, uma posição alta na sentença, a mesma posição proposta por Rizzi (2001) para *come mai* em italiano. A segunda propriedade refere-se à impossibilidade de encaixamento (79), o que decorre do próprio fato de interrogativas com *como assim* constituírem um *Speech Act*:

(77) a. O João comprou o quê?

b. O João comprou uma moto onde?

c. O João comprou uma moto por quê?

d. O João comprou uma moto como?

(78) *O João comprou uma moto como assim?

(79) *A Maria disse como assim o João chegou tarde.

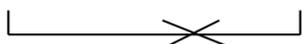
Por fim, uma propriedade interessante de *como assim* refere-se à interação com negação. Ao contrário de *como* de método, instrumento e resultativo, *como* causal não sofre restrições em contextos com negação, conforme é mostrado pelo contraste entre as sentenças em (80).

(80) a. Como o Marcelo não consertou a bicicleta dele? (leitura causal)

b. *Como o Marcelo **não** consertou a bicicleta dele? (leitura de método)

Isso nos evidencia que *como* causal possui uma posição de base acima de NegP. Por outro lado, *como* (método), por ser sensível à negação, ocupa uma posição mais baixa na hierarquia da sentença.

A impossibilidade de (80b) se deve à violação de Minimalidade Relativizada, visto que *como* (método) nasce em uma posição mais baixa que NegP e não pode se mover para a periferia esquerda da sentença, como esquematizado em (81).

(81) *Como o Marcelo **não** t_i consertou a bicicleta dele?


Consideremos o contexto a seguir, com *como assim*, sintagma que inclui *como*:

(82) A: A Márcia não quebrou o vaso.

B: Como assim a Márcia não quebrou o vaso? (Eu jurava que era ela a responsável)

A: Pois é, mas não foi ela.

(82B) mostra que *como assim* de incredulidade não é sensível à negação. Isso evidencia, mais uma vez, que a posição de *merge* externo desse sintagma é alta, como explicitamos anteriormente: em Spec de IntP. Dessa forma, com uma posição de base alta, não cruza com a negação e não viola o princípio da MR, diferentemente do que ocorre em casos como (80b).

Considerações finais

Esta pesquisa buscou apresentar algumas considerações a respeito da sintaxe e semântica de *como assim* de incredulidade no português brasileiro. Propusemos que nessa leitura *como assim* não solicita informações sobre a verdade de uma proposição anteriormente dada no discurso; na verdade, é utilizada para solicitar a confirmação de um *Speech act* do interlocutor e exprimir incredulidade quanto à possibilidade de tal confirmação. Tais sentenças possuem um operador I-REQUEST (nos termos de KRIFKA, 2012) e correspondem a um *Speech act*. Isso é evidenciado pelo fato de não poder atuar em contextos encaixados e não poder ocorrer *in situ*. Além disso, *como assim* de incredulidade é insensível à negação, e pode ser precedido por sequências topicalizadas e vocativos. Assim, a

posição assumida para *como assim* de incredulidade é Spec Int, que vai selecionar uma informação anteriormente dada no discurso; ou seja, um tópico.

Temos ciência de que não foi possível esgotar o tema; há questões que resultarão em desdobramentos futuros da pesquisa. Uma questão a ser abordada é a prosódia de *como assim* de incredulidade, a qual é determinante para essa interpretação. Também é importante considerarmos estruturas com *como assim* sob uma perspectiva diacrônica. Em especial, uma investigação comparativa com o português europeu pode dar pistas acerca da origem desse constituinte. Um outro desdobramento que julgamos interessante é descrever a sintaxe e a semântica das leituras *causal*, *de propósito*, e *elucidativa* em comparação com as propriedades apontadas para as interrogativas com *como assim* de incredulidade.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD; Alexandra Yurievna. The essence of mirativity. In: KOPTJEVSKAJA-TAMM, M. (ed.). *Linguistic Typology*, De Gruyter, 2012. Pg. 435-485.

COLLINS, Chris. Why and how come. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 15, p. 31-45, 1991.

KATO, Mary Aizawa. & RIBEIRO, I. Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOB, Daniel. (ed.). *Focus and Background in Romance Languages*. 2009.

KRIFKA, M. Negated Polarity Questions as Speech act Denegations. Talk at SALT, 2012.

KO, Heejeong. Syntax of Why-in-situ: Merge Into [SPEC,CP] in the Overt Syntax. *Natural Language & Linguistic Theory* 23, volume 4, p. 868-916, 2005.

MIOTO, Carlos. As interrogações no português brasileiro e o critério-WH. *Letras de Hoje*, n. 96, p. 19-33, 1994.

_____. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, 97-139, 2001.

_____. Focalização e quantificação. *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, 169-189, 2003.

RIZZI, L. 1990. *Relativized minimality*. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. Residual Verb SECOND and the Wh Criterion. In: BELLETTI, Adriana.; RIZZI, Luigi. (ed.). *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press, 1996 [1991], p. 63-90.

_____. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN L. *Elements of Grammar: a handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.

_____. On the Position of Interrogative in the Left Periphery of the Clause. In: CINQUE, G.;

_____. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENG, Lisa; CORVER, Norbert. *Wh movement: moving on*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

_____; BOCCI, Giuliano. The left periphery of the clause. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C. *Blackwell companion to Syntax*. 2017.

SHLONSKY, Ur; SOARE, Gabriela. Where's 'why'?. In: GOBBO, F. D.; HOSHI, H. (ed.) *Linguistic Inquiry*, v. 42, n. 4, p. 651 – 669, 2011.

STEPANOV, Arthur; TSAI, Wei-Tien Dylan. 2008. Cartography and Licensing of wh- Adjuncts: A Cross-linguistic Perspective. *Natural Language and Linguistic Theory* 26: p. 589-638.

SOUSA, Raquel. *'Como assim' mirativo em PB: uma investigação cartográfica*. 2018. 66 f. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.

THORNTON, Rosalind. 2008. Why Continuity. *Natural Language and Linguistic Theory* 26: 107-146.

TSAI, Wei-Tien Dylan. 1999. The hows of why and the whys of how. *UCI Working Papers in Linguistics*, vol. 5, p. 155–184.

_____. Left periphery and how-why alternations. *Journal of East Asian Linguistics*. p. 83-115. 2008.

_____. 2015. *A Tale of Two Peripheries: Evidence from Chinese adverbials, light verbs, applicatives and object fronting*. In *The Cartography of Chinese Syntax*, Wei-Tien Dylan Tsai (ed.). New York: Oxford University Press, p. 1-32.

ZWICKY, Ann; ZWICKY, Arnold. How come and what for. In: ELIOT, D. (Ed.). *Working papers in linguistics*. Ohio State University: n. 8, p. 923-933, 1973.